

# Mensagem do presidente eleito

**IGNÁCIO DE ARAGÃO**

Está todo mundo empolgado com a mensagem que o presidente eleito, senador Fernando Henrique, disparou da catapulta instalada na sede do PSDB em Brasília. Data venia, como os advogados costumam escrever quando querem contrariar eminentes magistrados, não participo da mesma opinião da mídia, e olhem lá que sou admirador de carteirinha do eleito, desde quando seu tio Joaquim Inácio, meu querido amigo, há oito anos prognosticou que o sobrinho viria a ser, um dia, presidente da República.

Em primeiro lugar, convivendo neste curto período, com os melindres do Presidente Itamar, o eleito deveria ter-se absterido de considerações tão abrangentes sobre o que será a sua forma de governo. Não faltarão embargantes de orelha para insinuar mumunhas no ouvido do atual, o que não interessa de fato nem ao eleito nem ao povo. A transição, desde agora, terá que ser pacífica, amena e fraternal, para o bem do Brasil.

Por outro lado, escolhendo a sede do seu partido, PSDB, para o evento, o presidente eleito, certamente sem se ter apercebido disso, jogou pedradas nos demais partidos que o elegeram, pois o

seu, por si e sozinho, não o levaria ao Planalto, por maiores que sejam os seus méritos.

Farão de conta que não perceberam a desatenção, para não complicar mais ainda o espaço, porém raposas reais da estirpe de Antônio Carlos Magalhães e Marco Maciel são doutores em política, sabem de tudo e, pior, sabem guardar para o momento adequado, que sempre chega. Está no horizonte, podem esperar que aterrissará.

Depois, antes mesmo que o novo time de titulares dos governos estaduais tivesse se arrumado no gramado, o presidente eleito mandou-lhes dura advertência. "No momento adequado, eu direi o que vai ser feito, como vai ser feito, e pedir o apoio de todos, e já peço desde já a compreensão dos novos governadores para as medidas que nós vamos ter que tomar.

"Um conjunto de medidas que serão tomadas sempre em diálogo, mas serão tomadas, no sentido de que o saneamento das finanças públicas prossiga", foi assim que o presidente eleito falou. Quem o assessorou esqueceu que, no regime presidencialista, o presidente tem caráter imperial, é como rei ou papa, não fala na pri-

meira pessoa. Não é de bom tom, parece personalismo exagerado, não se lembraram que a humildade é a maior virtude dos poderosos. Esse tipo de discurso deveria ser reservado para o dia da posse, depois do ato, com a faixa atravessada no peito, para ali ficar durante quatro anos.

O que não estarão pensando, a esta altura, os novos governadores eleitos? E o Congresso que se avizinha, formado, na sua maioria, pelo PMDB, PFL e outros partidos que não são o modesto PSDB, colocado no "ranking" em terceiro lugar? Nem é bom pensar. Se o amigo pretendeu fazer uma ligação interurbana na sexta-feira, de Brasília para os estados, ou vice-versa, todos os troncos da Embratel estariam ocupados. Não haviam bois, havia uma boiada na linha. Sem nenhuma necessidade, a inquietação foi desencadeada.

Seria bom que o presidente eleito reformulasse a sua equipe de assessores, conselheiros políticos e redatores, com gente que se lembra da lição de Tancredo, de que "política se faz com políticos".

■ *Ignácio de Aragão é escritor*

21 NOV 1994

JORNAL DE BRASÍLIA

21 NOV 1994

21 NOV 1994